



Mafalda vai à escola: uma leitura de Quino à luz da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire

Raoni Gomes de Sousa¹, Rita de Cássia Oliveira De Medeiros², Kamilla Karla da Silva²

¹Assistente em Administração - IFRN. e-mail: raoni.sousa@ifrn.edu.br

²Alunas do curso técnico integrado de informática –IFRN e-mail: rita.medeiros96@yahoo.com.br millinhakarla@hotmail.com

Resumo: O presente artigo articula os quadrinhos do artista argentino Quino com o pensamento do educador brasileiro Paulo Freire. Tomando como base algumas histórias em quadrinhos de Quino da conhecida personagem Mafalda, em especial tirinhas que retratam as personagens em situações que trazem à tona problemáticas educacionais, recorreremos à obra “Pedagogia da Autonomia”, de Paulo Freire, para elucidar questões despertadas pela leitura, abordando representações sociais de suas personagens e o significado histórico de cada uma delas. Realizamos um estudo teórico das duas primeiras teses da “Pedagogia da Autonomia”. A primeira tese, “Não há docência sem discência”, trata da importância, para o bom trabalho de um educador, de colocar-se no lugar do aluno. Esse exercício de empatia tem consequências cruciais na prática docente, das quais destacamos maior empenho e criatividade para motivar o aluno a aprender. Da segunda tese, “Ensinar não é transferir conhecimento”, compreende-se que o processo realmente educativo tem por base a consciência de que cada pessoa humana é um ser em construção: nem os conhecimentos do professor, nem os dos alunos são definitivos, reconhecimento do qual decorre que uma verdadeira educação tem como característica fundamental a continuidade da construção do conhecimento por educadores e educandos. A partir desse panorama, selecionamos e analisamos cinco tirinhas de Quino em que crianças se deparam e se frustram com as limitações do sistema educacional em que estão inseridas, e tecemos uma reflexão sobre como as teses de Paulo Freire são pertinentes para aquela realidade dos quadrinhos que ainda persiste em vários graus em nossas escolas. Assim, chegamos à conclusão de que a leitura de Mafalda pode contribuir muito para a reflexão sobre nosso sistema educacional e como transformá-lo continuamente visando a formação de cidadãos cognitivamente e eticamente preparados para se inserir de maneira ativa e responsável na sociedade.

Palavras-chave: Mafalda, Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia, Quino

1. INTRODUÇÃO

Um “simples desenho com falas” pode ser muito esclarecedor ao criticar de forma simples situações concretas e importantes. Essa foi a missão de Mafalda: provocar e estimular a população à crítica em relação à realidade que existia. Mafalda reflete a época de 1964 na América do Sul – a juventude inquieta, a divisão das classes – e assume, com isso, termos infantis para comunicar às massas conjunturas políticas adultas. Ela é vista como uma tirinha de humor, mas essa definição dista bastante da verdadeira mensagem que o autor deseja passar.

Em Mafalda, existe ainda uma espécie de ponte ideológica entre quem lê e “o quê está sendo lido”. Seu autor coloca a criança como ser sensível e filosófico, num mundo em que praticamente nada vem a calhar, nada se entende. Os personagens infantis têm feições adultas – o que permite ao leitor mais velho identificar-se com o que está sendo dito nas tiras e encanta as crianças, já que dentro das feições adultas existem, ainda, situações infantis.

Ao retratar a escola, o autor tem uma preocupação especial: ele demonstra – aos olhos da menina mais contestatária da América do Sul – a falta de coerência e irregularidades vividas em sala de aula.



As incoerências do sistema educacional e como Quino conseguia demonstrá-las é justamente o que queremos pôr em foco, ao apresentar as personagens da turma de Mafalda como representações sociais e históricas, a educação e seu conceito segundo Paulo Freire na obra *Pedagogia da Autonomia* e a ressonância da visão desse autor com a análise crítica do modelo conservador de educação que é feita nas tiras de Mafalda.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para analisar e discutir os temas tratados em nosso estudo, foi imprescindível o acompanhamento de uma revisão bibliográfica acompanhada de debates constantes, a fim de captar diversas informações e pontos de vistas de educadores e educandos, pois o tema de educação é muito amplo e diversificado. Também se fez um estudo histórico sobre o contexto histórico que envolvia o criador de Mafalda, buscando-se compreender seu ar crítico e interligá-lo ao pensamento de pensadores educacionais, em especial, Paulo Freire. Ao debater juntamente com profissionais que atuam dentro de sala de aula, buscou-se criar um panorama do que seria a educação conservadora retratada nas tiras do artista argentino, interligando-o com o resultado de nossas leituras e debates a fim de que conseguíssemos estabelecer um quadro entre a documentação crítica de Quino sobre a realidade argentina do ponto de vista educacional e da educação de forma geral.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Criadas em 29 de setembro de 1964 – um ano onde tanto o mundo quanto a Argentina passavam por momentos muito importantes na sua história (como a Guerra Fria e a repressão ditatorial em muitos países da América do Sul), Mafalda e sua turma foram concebidas com fortes marcas históricas. Suas personagens são frutos de experiências e situações que a história impõe, tratando com graça infantil a racionalidade moderna.

Mafalda, a protagonista, revela a visão de Quino sobre vários movimentos do seu tempo, como o feminismo, o nacionalismo e o socialismo. Mafalda é crítica, não conformista; representa a mulher tomando voz e vez na sociedade.

Em contraponto a Mafalda, tem-se Felipe: pertencente à classe média, possui um senso de justiça nato. Felipe adora gibis, e isso faz com que ele tenha grande preferência por histórias de super-heróis, que ele idealiza como solucionadores de problemas sociais, deixando-o assim isento de responsabilidades questões coletivas. Visando uma representação social similar, temos também Miguelito: ambos representando as pessoas enquadradas numa sociedade de perguntas e soluções idealizadas e conflitivas.

No panorama global, tínhamos a Guerra Fria: a competição econômica entre o pólo capitalista e o chamado socialista. Na Argentina, mais precisamente em 1963, instalava-se o governo de Arturo Illia. Nesse tempo, o governo da Argentina estava em decadência. O mandato de Arturo foi caracterizado por um governo que pouco funcionava e por fortes crises econômicas. Neste contexto, Quino criou novos personagens: Burocracia e Manolito.

Voltando à figura de Mafalda e sua representação feminina, temos uma contradição de perfis quando encontramos Susanita, personagem que surgiu em junho de 1965, criada por Quino para representar as típicas mulheres dos anos 50: seus maiores desejos diziam respeito a ter um marido de boas aparências e condição social, além de muitos vestidos e filhos.

Em 1966, houve na Argentina um golpe de Estado que levou os militares ao poder. Com isso vieram novas crises econômicas, censura e dura repressão. Assim, surgiu mais uma personagem nas histórias de Quino: Liberdade. Ela é filha de pais hippies, é esquerdista e adora as coisas e pessoas simples da vida. É uma pura metáfora à liberdade denotativa, da qual os argentinos estavam sendo privados naquela época. Neste período, as histórias de Quino revelavam as diferentes fases da ditadura: a problematização do governo, as crises econômicas e a censura, que, no ano de 1976, passou a ter um caráter mais repressor e violento. Antes disso, no entanto, é necessário dizer que Mafalda se calou. Quino e suas histórias não chegaram à fase da censura propriamente dita, que começou em



1976. Como justificativa, Quino (apud DELLA BARBA, 2006) diz que “diante do novo panorama argentino, a personagem presenciaria coisas que não iria suportar.”

No dicionário Aurélio, educação é um substantivo feminino. É um processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano.

A educação, desde sempre – antes mesmo de passar a assim ser intitulada – vem sendo associada à rápida definição de ensinar algo a alguém. Em qualquer lugar, o trabalho com a educação é imprescindível para o desenvolvimento do ser humano quanto a sua civilidade, quanto a entender o mundo em que vive e a seu papel como pessoa.

Todo planejamento educacional, para qualquer sociedade, tem de responder às marcas e aos valores dessa sociedade. Só assim é que pode funcionar o processo educativo, ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança. Às vezes, preservando determinadas formas de cultura. Outras, interferindo no processo histórico, instrumentalmente. De qualquer modo, para ser autêntico, é necessário ao processo educativo que se ponha em relação de organicidade com a contextura da sociedade a que se aplica. (SOUZA, 2001, p. 33)

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2010), a educação deve estar presente no desenvolvimento geral do ser humano, desde criança, de modo integral, sendo centrada em quatro pilares: emocional-afetivo, cognitivo, ético-moral, e psicomotora.

Levando o pensamento da educação a um nível mais profundo, temos Paulo Freire, que afirma que, muito além da simples mudança de um indivíduo, a educação pode mudar qualquer realidade, dependendo de como se dá sua aplicação e concepção.

Para Freire, a educação não é uma imposição, mas um câmbio de conhecimentos da sociedade, que são problematizados e construídos entre os indivíduos, a fim de se desenvolver uma consciência crítica acerca do mundo.

Freire apresenta uma nova metodologia de ensino, que inclui, entre outras, coisas o balanceamento entre aluno e professor: não é que o professor deixe de ser respeitado, mas o aluno passa a receber do professor semelhante respeito, pois os alunos deixam de ser quem somente aprende para ser também quem desenvolve conhecimentos. Freire retrata em seus livros uma nova figura de professor: o professor que se dedica aos alunos, a fim de que os mesmos se desenvolvam de maneira autônoma, que o alunado adquira conhecimentos construídos na sua concepção crítica-reflexiva, não aceitando tudo como verdadeiro e concreto: “O educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.” (FREIRE, 2005, p. 26)

A educação deve ser também problematizadora, promovendo que o alunado questione todos os assuntos trabalhados dentro de sala de aula. Para que isso aconteça, é importante que os assuntos façam parte do cotidiano dos mesmos, não sendo desconexos dos assuntos encontrados no cotidiano dos alunos.

Portanto, pode-se afirmar que a educação deve promover a aprendizagem num ambiente de constantes mudanças, no qual os conhecimentos sejam trabalhados considerando-se a individualidade de cada aluno. A educação deve visar os tempos atuais: a velocidade da informação, a autonomia que o mercado de trabalho exige, as dificuldades de se lidar com sistemas de maior ou menor interação, a necessidade de interligar campos de conhecimentos antes isolados, os novos padrões de comportamento social, a formação e reciclagem de profissionais e a internacionalização do conhecimento, onde exista a motivação para com o aluno, vendo-o de modo a se formar um sujeito humano multidimensional, que possa aprender todo assunto que lhe interesse.

Nessa filosofia, o professor deve ser muito mais que um doador de conhecimento: deve ser um parceiro de seus alunos em busca da informação, do conteúdo a ser ministrado, um conselheiro, tornando assim mais ativo e confortável o papel do aluno na educação.

No capítulo “Não há docência sem discência”, Freire sustenta que o caráter formador deve ser basilar na atividade do professor, de forma a propiciar uma comunicação entre professor e alunos em que estes sejam considerados pessoas com um lugar social, com sonhos, com sentimentos, enfim, vistos como seres humanos atuantes na sociedade. Em outras palavras, o ato de ensinar exige do



educador uma formação constante, que implica conhecer os alunos e aprender com eles, para então aplicar uma didática transformadora, e não meramente transmissiva — “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.” (FREIRE, 2005, p. 33)

O professor deve ser um profissional também íntegro e coerente, passando confiança e fazendo a diferença através do seu exemplo. Essa conduta é inextricável de um pensar certo “Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o re-diz em lugar de desdizê-lo. Não é possível ao professor pensar certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se ‘sabe com quem está falando.’” (FREIRE, 2005, p. 34)

Paulo Freire reforça, ainda, que o pensamento crítico deve ser estimulado junto à pesquisa e a curiosidade epistemológica, que, segundo sua perspectiva, refere-se ao tipo de curiosidade desperta do próprio cotidiano, mas dotada de rigor metódico: “Quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve a curiosidade epistemológica sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto.” (FREIRE, 2005, p. 25) O que o professor ensinar na classe deve ser seguido de acordo com seu cotidiano, estabelecendo entre o educador e o educando uma ponte sem a mecanização fria do “doador de conhecimento” e o “recebedor”.

No capítulo “Ensinar não é transferir conhecimento”, Paulo Freire introduz a questão da necessidade existente entre os educadores de criar possibilidades de produção ou construção de conhecimento entre os alunos, nas quais professor e aluno visam-se como seres humanos, com sentimentos e anseios. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2005, p. 47)

O educador deve, ainda, buscar o conhecimento com respeito à autonomia e à dignidade de cada um e, além disso, deve viver a busca pelo conhecimento também através de estímulos que despertem a curiosidade e incentivem a busca. Deve buscar formas de ensino que instiguem e cansem seus ouvintes, de forma que o cansaço não seja ocasionado por desinteresse, mas sim por esforço entusiasmado. O professor deve esforçar-se para diminuir a distância entre a teoria e a prática, colocando sua figura como autoridade na sala de aula, mas não demonstrando autoritarismo.

O educador não deve dificultar a curiosidade dos alunos, ao contrário, deve ser seu estimulador, desenvolvendo sempre também sua própria curiosidade, que é fundamental para o processo de ensino dialógico. O aluno, igualmente, deve viver essa experiência. “Vivendo criticamente a minha liberdade de aluno ou aluna que, em grande parte, me preparo para assumir ou refazer o exercício de minha autoridade como professor.” (FREIRE, 2005, p. 90)

No modelo mais conservador de educação, considera-se que o aluno chega à escola sem nenhum tipo de conhecimento pré-estabelecido, cabendo justamente à instituição de ensino mostrar-lhe um conjunto de fatos e transformá-los em conhecimentos e habilidades, testando periodicamente esses conhecimentos através de provas e exames. As habilidades mais valorizadas dizem respeito à linguística e a inteligência lógica. Assim, o aluno absorve os conhecimentos despejados em cada etapa, e deve assimilá-los para passar a uma próxima fase. Entretanto, desta maneira as informações transmitidas não seriam realmente aprendidas pelos alunos (fala-se do “aprender” propriamente dito), pois esse método diz respeito mais à memorização, e menos às capacidades cognitivas, como interpretação, contextualização, crítica, etc., ignorando a especificidade educacional de cada aluno, desprezando as singularidades e aptidões de cada um.

Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender. (FREIRE, 2005, p. 43)

Coloca-se a educação como orientadora dos alunos para o mercado de trabalho e o mundo que os espera, mas muitas vezes se utilizando de metodologias pouco eficazes e falhas, nas quais há um professor posto como diretor, ou até mesmo um ditador do conhecimento, que o apresenta de forma bem limitada: restringindo-se a programas e assuntos somente de dentro da sala de aula,

desconhecendo os educandos e suas situações. Seguindo este modelo, as oportunidades de pôr em prática os conhecimentos expostos são escassas. Ampliar a compreensão de conceitos complexos e estimular os alunos em busca de saberes não são prioridades. Além disso, há uma forte divisão do conhecimento, de maneira que muitas vezes os professores não procuram inter-relacioná-los, causando a seus alunos uma deficiência cognitiva, em termos holísticos.

Abaixo, temos a análise de cinco tirinhas dos personagens de Mafalda, buscando elucidar as questões educacionais respaldando-as com argumentos freirianos.



Figura 1- Mafalda discute com uma amiga, enquanto a professora as observa e tenta participar da conversa

Na figura acima, fica patente a distância que o modelo tradicional de educação mantém do cotidiano e dos interesses dos discentes, numa prática que reforça a alienação dos cidadãos das problemáticas que afligem o mundo. “Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida?” (FREIRE, 2005, p. 30)

Também podemos apontar o fato que a professora, além de não instigar a aluna à pesquisa e à busca de informações, ainda afirma que ela deveria tirar qualquer dúvida com ela, e não ir atrás de novos conhecimentos acerca do assunto buscando outras fontes. Nas palavras de Freire (2005, p. 26), “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Mafalda, no entanto, mostra que foi um pouco além das divisões mostradas na sala de aula, exercendo sua curiosidade de maneira autônoma.



Figura 2- Miguelito e Mafalda numa pequena conversa sobre a aula de Miguelito.

Na tirinha acima, é evidenciado que a forma como a professora expõe o conteúdo provoca cansaço e desinteresse nos seus alunos, ao mesmo tempo em que denota uma subestimação da capacidade e dos potenciais dos alunos. Ela também os induz a decorar o conteúdo, e não a aprendê-lo, provocando até, de certa forma, uma descrença na matéria, o que afasta Miguelito de ser tão bom quanto qualquer profissional que se utilize suas capacidades cognitivas de maneira inventiva e descobridora, quando diz: “Juro que nunca me senti tão longe de von Braun”. Através de uma didática tão mecanicista e repetitiva, é impossível preparar sujeitos para os desafios do mundo: “Daí a

impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de idéias inertes do que um desafiador.” (FREIRE, 2005, p. 27)



Figura 3- Mafalda e Manolito conversando acerca das dificuldades de Miguelito na escola e com a professora.

Analisando a última fala de Manolito, onde ele refere a si mesmo como “um pedestre do raciocínio”, demonstrando-se lento em relação à rápida resposta que sua professora exigia, vemos que sua professora não respeita a condição particular de cada aluno, tomando toda a turma por um nível só. Assim, sem respeitar as limitações individuais dos discentes, acaba lhes causando frustrações e intensificando medos e sentimentos de inferioridade que só dificultam tanto o aprendizado como sua formação como cidadão ativo.



Figura 4- Miguelito na sala de aula, numa situação de atrito entre ele e a professora .

Arbitrariedade e desrespeito marcam a atitude do docente na Figura 4. O docente recusa e desqualifica a resposta de Miguelito, mesmo sabendo que seu erro está apenas na forma, e não no conteúdo, e, em vez de ajudá-lo a refinar seu conhecimento, insulta-o. Miguelito responde-lhe com outro insulto, caracterizando um cenário de desrespeito recíproco entre educando e educador, muito desfavorável para uma educação libertadora. A expressão dos demais alunos denuncia receio e embaraço diante da situação, que gera medo de responderem errado uma pergunta feita pela professora e serem igualmente expostos a insultos, assim como Miguelito.



Figura 5- Professora questiona Liberdade visando uma avaliação de conhecimentos.

Na tira, a professora mostra claramente um autoritarismo pré-imposto usando como argumento “ser professora” como se ela possuísse todo o conhecimento, exigindo um respeito que por ela não foi dado à aluna, como vimos na tira. A professora, entretanto, demonstra impaciência, resignação, enrijecimento, justo o contrário do que o contexto demanda: “essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educados criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes.” (FREIRE,2005, p. 26)

6. CONCLUSÕES

Usar Mafalda como instrumento de crítica num contexto histórico e social um tanto turbulento, foi um marco na história argentina. Podemos constatar que cada personagem da turma de Mafalda foi fruto de determinada situação e veio em contestar e promover olhares críticos em meio ao autoritarismo e à censura do governo, usando uma linguagem simples. Mafalda conseguiu, através dos jornais, chegar às massas e comunicar criticamente.

Quando Mafalda expõe a sociedade, ela nos mostra a realidade em que vivia. Ao nos apresentar a escola, víamos salas apertadas, organizadas em fileiras, com professores muitas vezes autoritários e despreparados: uma educação que, assim como o governo da época, se apresentava antidemocrático. O método que Quino utilizava para retratar a educação era peculiar: a abordagem era feita geralmente enquanto as crianças faziam a lição de casa, ou até mesmo na escola – ambiente passivo, com crianças muitas vezes inexpressivas, frustradas, amedrontadas ou insatisfeitas. Fora da escola, as crianças travam verdadeiras batalhas de diálogos ideológicos sobre a educação, buscando sentido em coisas muitas vezes inexplicáveis, e até se acomodando em certas situações.

Na educação de Mafalda, as propostas de Paulo Freire são contrariadas: obrigações com fundamentos ocultos, mal explicados e inquestionáveis, repreensão da curiosidade e da criatividade, transferência de conhecimentos prontos, educandos passivos, superioridade presumida do conhecimento do professor e uma visão de mundo linear e mecanizada. Ao desenhar Mafalda na educação, Quino deixa subentendidas determinadas questões, facilmente respondidas por Freire, mostrando a complexidade das suas ideias, que solucionam as questões não só da Argentina, mas de diversos países. Mafalda, portanto, faz concretamente uma contestação digna de uma pedagogia da autonomia: teses que Paulo Freire redigiu e que o próprio Quino representou através de desenhos.

A leitura das tirinhas de Mafalda pode, portanto, servir como instrumento pedagógico para despertar a reflexão e crítica, tanto em docentes como em discentes, dos ambientes e das práticas educacionais que vivenciamos.

REFERÊNCIAS

DELLA BARBA, Mariana. **Mafalda, a pequena notável**. Guia do Estudante, [s.l.], jul. 2006. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia/mafalda-pequena-notavel-434734.shtml>> Acesso em: 28 jul 2011.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. **História em Quadrinhos: Leitura Crítica**. São Paulo: Paulinas, 1985.

QUINO. **Mafalda Inédita**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

QUINO. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SOUZA, Ana Inês (Org.). **Paulo Freire: vida e obra**. São Paulo, Expressão Popular, 2001.

UNESCO. **Os quatro pilares da educação**. In: _____. **Educação: um tesouro a descobrir; relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>
Acesso em: 14 jul 2011.